
HIV/Aids, Jornalismo e Silêncio: Uma Análise Discursiva da Reportagem “O Novo Azulzinho”, Publicada Pela Revista Época¹

Rodrigo Leal DOURADO²
Thiago Henrique RAMARI³
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

Resumo

Este artigo apresenta uma análise sobre o silêncio constitutivo na reportagem de capa da edição 1.031 da revista Época, intitulada “O Novo Azulzinho”, que relaciona o uso da PreP, método preventivo contra o HIV por homens gays, ao aumento do número de diagnósticos de outras ISTs no Brasil. A metodologia utilizada é a Análise de Discurso de matriz francesa, a partir dos estudos de Eni Orlandi sobre o chamado silêncio discursivo. Como resultado, observou-se que a peça jornalística ocultou dados e utilizou termos datados, criando efeitos de sentidos que reforçam estigmas contra homens gays. A partir disso, compreende-se que a imprensa, ao fazer uso do silêncio discursivo, pode reforçar preconceitos e estereótipos contra determinados grupos.

Palavras-chave: Revista Época; HIV/Aids; PreP; análise de discurso; silêncio discursivo.

Introdução

Quando os primeiros casos de HIV/Aids surgiram nos anos 1980 em homossexuais masculinos, este público, já marginalizado, foi alvo de críticas na sociedade. Por ser, até então, conhecida como uma infecção sexual protagonizada por homens homossexuais, a doença provocou julgamentos baseados em valores morais, com argumentos que relacionavam a homossexualidade a um estilo de vida considerado errado, promíscuo e passível de punição.

Mesmo com a constatação da infecção por HIV em outros grupos, a doença foi simbolizada como gay, fato reforçado pela morte de personalidades midiáticas como Cazuzza (1958-1990), Freddie Mercury (1946-1991) e Renato Russo (1960-1996). O estigma diminuiu

¹ Trabalho apresentado na II01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: rodrigoldourado@gmail.com.

³ Professor de Jornalismo e Relações Públicas na Universidade Estadual de Londrina (UEL) e doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), e-mail: thiago.ramari@gmail.com.

com o tratamento que garante vida saudável a quem vive com o vírus e com campanhas de conscientização, mas o imaginário popular ainda identifica o HIV como uma “infecção gay”.

A edição 1.031 da revista *Época*, publicada em 2 de abril de 2018, traz na capa a manchete “A Outra Pílula Azul”, com a seguinte linha-fina: “O novo medicamento que está fazendo os gays abandonar a segurança da camisinha”. Dentro da revista, a reportagem, intitulada “O Novo Azulzinho”, assinada por Danilo Thomaz, conta com 10 páginas e aborda o surgimento e a adesão de brasileiros ao Truvada, medicamento utilizado na PreP (profilaxia pré-exposição).

A PreP consiste em um comprimido diário de Truvada para prevenção contra o HIV. No Brasil, o SUS (Sistema Único de Saúde) disponibiliza a PreP para grupos vulneráveis, como profissionais do sexo, travestis e transexuais femininas, casais sorodiferentes e homens homossexuais. Segundo o Ministério da Saúde (2018a)⁴, para ter acesso à PreP, a pessoa deve realizar exames bimestrais para HIV e outras ISTs (Infecções Sexual Transmissíveis).

A reportagem da *Época* fala sobre a adesão da PreP entre gays, relacionando-a com o aumento nos diagnósticos de outras ISTs nos últimos anos. Entre os entrevistados, nenhum é heterossexual e não há sequer menção à infecção por HIV entre heterossexuais, que representam 58,23% dos casos registrados entre 2007 e 2017, de acordo com o Ministério da Saúde (2018b)⁵.

Além do aumento do número de novos casos de HIV, a atual epidemia de sífilis é destacada pela reportagem, mas as causas para o fato não são expostas no texto. Por se tratar de uma peça jornalística que aborda o comportamento sexual homoafetivo, a ocultação de dados epidemiológicos sobre HIV e sífilis pode levar o leitor a relacionar os novos diagnósticos à PreP e à vida sexual gay.

Para estudar a reportagem em questão, o método utilizado é a Análise de Discurso de matriz francesa, a partir dos conceitos presentes no livro “As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos” (2011), de Eni Puccinelli Orlandi. O objetivo é responder à seguinte questão: Como o silêncio discursivo é utilizado para reforçar estigmas criados nos anos 1980 que relacionam HIV e Aids aos homossexuais masculinos?

A análise do silêncio discursivo é relevante para debater os procedimentos jornalísticos na abordagem de temas relacionados a minoridades, neste caso pessoas que vivem com HIV - epidemia com histórico de estigma e uma infecção ainda muito discriminada. É importante

⁴ Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-profilaxia-pre-exposicao-prep-de-risco>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

⁵ Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaids-2018>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

estudar práticas jornalísticas a fim de promover a reflexão e, conseqüentemente, a adoção da postura mais adequada na elaboração de reportagens sobre o tema.

Entender o poder do silêncio é importante para evitar a manipulação voluntária ou involuntária dos leitores por meio da redação de reportagens. Esta análise visa mostrar, sobretudo, como um recorte moralista, que exclui diversos dados, é capaz de reforçar narrativas irresponsáveis, contribuindo para a discriminação de grupos já marginalizados.

Análise da reportagem

Baseado na Análise de Discurso de Michel Pêcheux, o livro “As Formas do Silêncio: No Movimento dos Sentidos” trata sobre o silêncio discursivo. Orlandi (2001) explica e exemplifica o silêncio como condição *sine qua non* da linguagem, assim como o silêncio que ressignifica o que é dito e o que não é dito e o silêncio que censura. Ao todo, são destacados dois conceitos de silêncio: o silêncio fundador e a política do silêncio.

O silêncio fundador é um conceito epistemológico. Trata-se do silêncio que é inerente às palavras e, por isso, oferece as condições de significação. Segundo essa definição, nada pode ser dito e tampouco significado sem a presença automática do silêncio – por isso é “fundador”. Já a política do silêncio se refere a práticas linguísticas específicas e se subdivide em dois tipos. O silêncio constitutivo mostra que, para se dizer alguma coisa, deixa-se de dizer outras, ou seja, a escolha por “[...] uma palavra apaga necessariamente as ‘outras’ palavras” (ORLANDI, 2011, p. 24). Nesse movimento, o silêncio ressignifica tanto o que é dito como o que não é dito, por meio de diferentes efeitos de sentido. O outro subtipo é o silêncio local, que é a censura propriamente dita, aquilo que é proibido de ser dito. Dessa forma, compreende-se que

o silêncio não é o vazio, ou o sem-sentido; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do ‘vazio’ da palavra da linguagem como um *horizonte* e não como *falta* (ORLANDI, 2011, p. 68, destaques da autora).

A partir do conceito de silêncio constitutivo, verifica-se que, em uma peça jornalística, o dito e o não dito atuam em uma espécie de jogo que provoca efeitos de sentido junto aos leitores. Em outras palavras, a dinâmica entre o que é ocultado e o que é narrado em uma reportagem direciona o receptor a determinadas interpretações, que podem, como no caso do objeto de análise deste artigo, reforçar preconceitos contra um determinado grupo.

Na reportagem de Época, a manchete “A Outra Pílula Azul” destaca a cor do comprimido. “Pílula azul” ou “azulzinho”, como utilizado no título interno da peça, são termos

empregados para designar o Citrato de Sildanefila, conhecido comercialmente como Viagra, medicamento patenteado em 1996 e lançado em 1998, com a finalidade de tratar a disfunção erétil. Desde então, e conforme pontua a France Presse (2018)⁶, a substância é utilizada principalmente por homens de idade avançada e com desempenho sexual comprometido e é tido como viabilizador das atividades sexuais de muitos homens e casais. Assim, por meio daquilo que não é dito, a revista atribui ao Truvada a mesma importância do Viagra, pela revolução sexual que provocou.

Na combinação do título com a linha-fina na capa - “O novo medicamento que está fazendo os gays abandonar o uso da camisinha” -, a revista provoca mais efeitos de sentido por meio do silêncio. Se a “pílula azul” de outrora se referia apenas ao Viagra, de fundamental importância para vida sexual de muitas pessoas, agora refere-se também ao Truvada, cujo uso, ao dispensar a camisinha na prevenção ao HIV, possibilitaria a prática sexual homoafetiva. Desse modo, pode-se interpretar que os homens gays só se satisfazem sexualmente quando não usam preservativos. Na equalização das referências empregadas, o Truvada estaria para o Viagra, assim como a camisinha estaria para a disfunção erétil. O preservativo seria um obstáculo a ser vencido.

Figura 1: Capa da edição 1.031 da revista Época



Fonte: Época (2018)

⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/revolucao-do-viagra-completa-20-anos-com-mais-de-65-milhoes-de-prescricoes.ghtml>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

No interior da revista, na primeira página da reportagem, a linha-fina afirma: “A PrEP está mudando o comportamento sexual de grupos de risco, sobretudo dos gays. Eles estão abandonando a camisinha, contribuindo para o aumento de doenças sexualmente transmissíveis” (THOMAZ, 2018, p. 34). Além de relacionar gays masculinos aos homens que sofrem de disfunção erétil, no que tange às mudanças de comportamento possibilitadas por medicamentos (Truvada, no primeiro caso, e Viagra, no segundo), o trecho comporta três equívocos de informação, todos relacionados aos efeitos de sentido provocados pelo silêncio constitutivo.

Primeiro, “grupos de risco” não existem mais. As autoridades de saúde usam o termo “comportamento de risco” ou “grupos vulneráveis”, considerados mais adequados porque menos estigmatizantes. Atribuir epidemias a determinados grupos contribui diretamente com a fomentação de preconceitos na sociedade. Neste trecho, um novo protocolo de nomenclaturas foi silenciado em detrimento de outro, antigo e datado. O resgate do termo ‘grupos de risco’ reforça o estigma por remeter a um contexto social e histórico ultrapassado. A escolha lexical feita para a linha-fina interna pela revista *Época* é, assim, propriamente discursiva. Como pontua Orlandi (2011, p. 73),

a relação dito/não-dito pode ser contextualizada sócio-historicamente, em particular em relação ao que chamamos ‘poder-dizer’. Pensando essa contextualização em relação ao silêncio fundador, podemos compreender a historicidade discursiva da construção do poder-dizer, atestado pelo discurso.

O discurso adotado e o silêncio que o envolve validam e desvalidam diferentes elementos no jogo entre o dito e o não-dito. No caso em questão, o termo “grupos de risco”, usado em um outro momento da epidemia, quando se tratava de uma infecção conhecida por infectar quase que exclusivamente homens gays, transexuais, travestis e profissionais do sexo, é resgatado pela reportagem da esfera do não-poder-dizer social da atualidade, revalidando-o, ao mesmo tempo em que as terminologias hoje consideradas adequadas são silenciadas, desvalidadas. O movimento do que é dito e do que não é dito gera efeitos de sentido que, no objeto analisado, abre margem para críticas moralistas contra determinados grupos.

Segundo, e de acordo com Fernandes (2018)⁷, o abandono da camisinha é um fato entre os jovens, independentemente da orientação sexual, e isso é silenciado pela revista *Época*. Com

⁷ Disponível em <<https://paineira.usp.br/aun/index.php/2018/02/07/mudanca-no-comportamento-sexual-de-jovens-causa-aumento-de-infecoes-sexualmente-transmissiveis>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

isso, a reportagem gera o efeito de sentido de que apenas os homossexuais masculinos estão abrindo mão dos preservativos, exclusivamente por causa da adoção da PreP como método preventivo ao HIV. Os outros grupos, e sobretudo o dos heterossexuais masculinos e femininos, permaneceriam adeptos da camisinha – e, nesse sentido, silenciar também os dados sobre novas infecções por HIV entre heterossexuais torna o efeito de sentido acima exposto ainda mais crível entre os leitores.

Terceiro, o texto diz que há um aumento de doenças sexualmente transmissíveis no país, em decorrência do abandono da camisinha por homens gays que fazem uso da PreP. A publicação, no entanto, entra em contradição quando, na quinta página da peça, afirma: “Não se pode garantir que o uso da PreP esteja diretamente ligado à queda do uso de camisinha no Brasil” (THOMAZ, 2018, p. 38). O malabarismo para sustentar o primeiro argumento está baseado no silêncio constitutivo: a revista cita três estudos, nenhum deles brasileiro, que relacionam o abandono do preservativo à PreP, mas não menciona se os estudos comprovam o aumento dos diagnósticos de ISTs como consequência direta. Além disso, os estudos não são nomeados, dificultando que o leitor os encontre para a conferência das informações⁸. Ao que tudo indica, a revista seleciona o que não será dito, a fim de sustentar uma premissa que direcione um efeito de sentido específico – o de que os homossexuais masculinos estão aderindo à PreP, dispensando os preservativos e, com isso, protagonizando novas epidemias de ISTs.

Em todos os três casos, a publicação deixa de apresentar dados, o que resulta no reforço de efeitos de sentido discriminatórios. Uma vez que não são falsas, mas inadequadas e/ou parciais, as informações da reportagem, quando analisadas frente ao que foi ocultado, possibilitam a compreensão do ato de se investir de um único sentido, comentado por Orlandi (2011, p. 22):

falar em “efeitos de sentido” é, pois, aceitar que se está sempre no jogo, na relação das diferentes formações discursivas, na relação entre diferentes sentidos. Daí a presença do equívoco, do sem-sentido, do sentido “outro” e, conseqüentemente, do investimento em “um” sentido. Aí se situa o trabalho do silêncio. Essa relação entre os processos discursivos e a língua está na base da compreensão do imaginário como necessário.

⁸ Apenas um dos estudos citado pela reportagem foi localizado durante a pesquisa para este artigo. Apesar de não citar o nome do estudo, a publicação menciona uma pesquisadora, o que possibilitou localizá-lo. Intitulado “Behavioral Changes Following Uptake of HIV Pre-exposure Prophylaxis Among Men Who Have Sex with Men in a Clinical Setting” (“Mudanças Comportamentais Após a Adesão da Profilaxia Pré-exposição de HIV Entre Homens que Fazem Sexo com Homens em Perspectiva Clínica”, em tradução livre para o português), o estudo não menciona o aumento de ISTs como consequência direta da adoção da PreP e do abandono da camisinha por homossexuais masculinos de diferentes idades. Conferir em <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5538946>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

Com base no silêncio constitutivo da linha-fina interna da reportagem, não há apenas um reforço da imagem do homem gay atrelada às ISTs, mas a manutenção de vários estereótipos negativos ao grupo. Ao usar a locução “sobretudo dos gays”, quando menciona a mudança no comportamento sexual de grupos vulneráveis, a publicação não esclarece as especificidades que fariam os homossexuais masculinos serem aqueles que mais adotaram novas práticas na intimidade. Além disso, a afirmação precede outra, a de que há um aumento de doenças sexualmente transmissíveis no país, como consequência direta das mudanças de comportamento. O efeito de sentido é o de que o grupo protagoniza uma ascensão da promiscuidade, já reforçada socialmente, como afirma Natividade (2009, p. 151):

estes discursos de mídia impressa e internet colaboram na construção da homossexualidade como uma diferença negativamente marcada: os homossexuais são percebidos como promíscuos e perigosos, corrompem valores, espriam doenças – logo, necessitam ser corrigidos e convertidos. Mesmo nas variantes do discurso que apresentam uma ampla lista de pecados sexuais, o “homossexualismo” ocupa o centro das atenções.

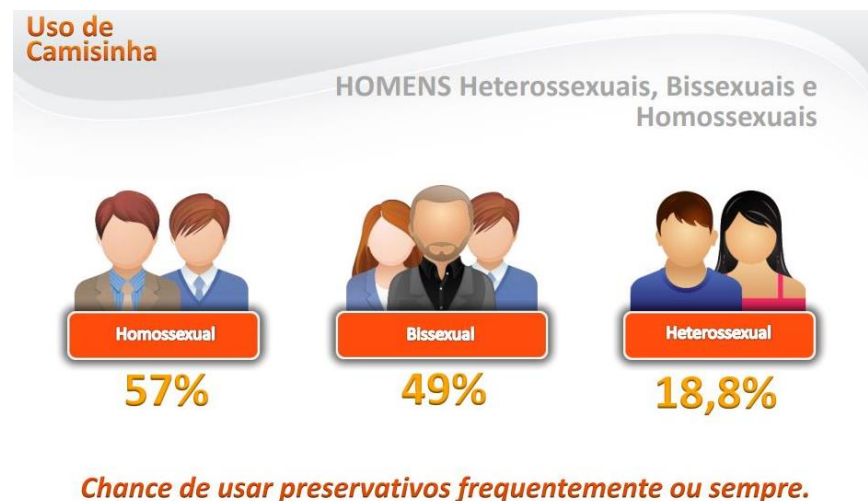
No texto em si, a reportagem exemplifica o discurso de que fala Natividade (2009) com a vivência do repórter em uma casa noturna onde homens gays podem ter relações sexuais livremente, apresentando, mais uma vez, o “investimento em ‘um’ sentido” (ORLANDI, 2011, p. 22). A narrativa da experiência traz como exemplos pessoas que transavam com e sem camisinha, com destaque para aquelas que decidiram não usar proteção. A reportagem finaliza o relato com a contagem de oito preservativos jogados no chão, a fim de comprovar, ainda que de forma questionável, a opção dos frequentadores por não usar preservativo. O silêncio constitutivo gera, aqui, um efeito de sentido generalizante: como a maioria dos clientes é silenciada, já que não é observada e/ou entrevistada, é julgada pelo repórter pelas práticas de poucos frequentadores no chamado *dark room*. A contagem das camisinhas no chão, que soa aleatória porque não informa se havia, por exemplo, lixeiras no local, vem para reforçar o efeito de sentido generalizante, que sustenta toda a reportagem.

Após o relato, o texto apresenta a informação de uma pesquisa de 2016 feita pela empresa Gentis Panel de que 52% da população nunca ou raramente usam preservativos. No entanto, a reportagem não cita as estratificações do estudo, como as proporções por gênero e por orientação sexual. Em outras palavras, oculta esses dados, gerando o efeito de sentido de que a maioria, senão a totalidade, dos 52% mencionados é de homossexuais masculinos. Entre

as informações não citadas⁹ está a de que a chance de um homem heterossexual usar preservativo frequentemente ou sempre nas relações sexuais é de 18,8%, frente a 57% de chances de homens homossexuais usarem preservativo nas mesmas situações. A pesquisa também cita que 52% mulheres, de todas as orientações sexuais, nunca ou raramente usam preservativos nas relações sexuais.

Observa-se, assim, que a revista cita logo no início da reportagem uma pesquisa que desmente as informações apresentadas até então, mas oculta os dados divergentes à “tese principal” e prossegue com uma narrativa que coloca homens gays como ameaça à saúde pública. A ausência dessas informações no texto instigam a imaginação do leitor sobre quem são esses 52% e quem seriam os 48% restantes. Neste ponto, a peça abre a possibilidade do leitor ligar esses números à população de homens gays, predominante nas outras informações selecionadas pela reportagem. Isto condiz com a afirmação de Orlandi (2011) de que o silêncio ressignifica aquilo que é dito e aquilo que não é dito. “A hipótese de que partimos é que o silêncio é a condição da produção de sentido. Assim, ele aparece como o espaço ‘diferencial’ da significação: lugar que permite à linguagem significar” (ORLANDI, 2011, p. 68).

Figura 2: Pesquisa Gents Panel sobre uso de preservativo entre homens de diferentes orientações sexuais



Fonte: Gents Panel (2016)

⁹ Disponível em: <<http://www.gentspanel.com.br/Content/pesquisas-de-mercado/abertas/GENTIS-PANEL-Uso-de-preservativos-e-comportamento-de-risco.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

Após citar o aumento no número de casos de ISTs no Brasil, a reportagem menciona as políticas públicas, julgando-as da seguinte maneira: “na prevenção, o país falhou” (THOMAZ, 2018, p. 36). Apesar de tratar a epidemia de ISTs como um grande problema, o texto não dá explicações sobre a dita “falha” na prevenção cometida pelo país. Mas em seguida menciona e critica a PeP, profilaxia pós-exposição, que consiste na administração de medicamentos por 30 dias para prevenção contra o HIV após uma exposição de risco, outro método adotado pelo SUS. A narrativa gera assim mais um efeito de sentido considerado problemático baseado no silêncio constitutivo: o leitor é levado à interpretação de que a PeP faz parte da “falha” do Ministério da Saúde na prevenção ao HIV, quando, na verdade, a PeP passou a ser difundida nas unidades de saúde em 2017¹⁰, ao passo que o aumento nos diagnósticos de ISTs ocorre desde 2007¹¹ - muito antes também da adoção da PreP. A reportagem menciona a grande procura pela PeP, mas em nenhum momento cita estudos que comprovem a importância do método preventivo por grupos mais vulneráveis, assim como para casos de estupro.

Desse modo, verifica-se que a narrativa silencia tanto o contexto em que a PeP foi adotada no país, quanto as “falhas” cometidas nas políticas públicas pelo Ministério da Saúde, dando a entender que as duas informações estão relacionadas - a profilaxia pós-exposição seria uma das falhas. Segundo Orlandi (2011), o modo de estar em silêncio, neste caso o de não mencionar a historicidade e os detalhes da PeP, representa um modo de estar no sentido, aqui configurado pela dita falha nas ações de prevenção:

há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras; o estudo do silenciamento nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob a rubrica do ‘implícito’ (2011, p. 11-12).

Sobre a PreP, a reportagem destaca a ineficácia da droga na prevenção de outras ISTs ao explicar o que é a profilaxia pré-exposição. A PreP, contudo, inclui a exigência de exames para outras ISTs a cada três meses, o que é capaz de quebrar a cadeia de infecção, mas essa informação só é mencionada quatro páginas depois da explicação do que é a PreP, na penúltima

¹⁰ Disponível em: <<http://giv.org.br/boletimvacinas/pdf/boletim-vacinas-e-tecnologias-anti-hiv-32-giv.pdf>>. Acesso em: 25. jun. 2019.

¹¹ Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/bem-estar/numero-de-infecoes-sexualmente-transmissiveis-nao-para-de-crescer>>. Acesso em: 25. jun. 2019.

página da reportagem, e brevemente. Mas ainda na descrição da PreP, na quarta página da reportagem, é desmentida a principal tese da peça jornalística em um único parágrafo:

não se pode garantir que o uso da PreP esteja diretamente ligado à queda do uso da camisinha no Brasil, mas a certeza da eficiência do remédio contra o HIV é, sem dúvida, um estímulo para o abandono do preservativo (THOMAZ, 2018, p. 37).

A partir dos dados da pesquisa da Gentis Panel, que concluem que homossexuais se previnem mais que heterossexuais, e dos grupos elegíveis para receber a PreP, homens gays, travestis, transexuais, profissionais do sexo e casais sorodiferentes, pode-se concluir que a responsabilidade pelo abandono da camisinha pela população não é, majoritariamente, dos homens gays. Além disso, nas três pesquisas citadas pela revista, que confirmariam o abandono da camisinha por pessoas que usam a PreP, não há constatação ao suposto aumento do número de diagnósticos de ISTs.

Ao citar dados do Ministério da Saúde, a reportagem traz a porcentagem de infecção entre homens gays e bissexuais, profissionais do sexo e travestis e mulheres transgênero, mas não divulga nenhum dado relacionado à infecção de heterossexuais. Esse silêncio sobre homens e mulheres heterossexuais fez parte de toda a reportagem, já que não há sequer uma menção à prevenção desse público. Esse silêncio, atrelado ao uso de cinco fontes, todas homens gays, é capaz de produzir o efeito de sentido de infecção exclusivamente gay.

Considerações finais

A partir da análise de discurso, foi possível entender a reportagem da revista *Época* de forma mais crítica, desconstruindo a narrativa criada e mensurando o impacto na marginalização de grupos da sociedade. Com o estudo do silêncio constitutivo operado pela peça, fica clara a intenção de produzir alarmismo com apelo ao imaginário popular sobre HIV/Aids e sobre a população LGBT.

A revista ocultou dados, ignorou protocolos e narrou com recortes oportunistas o comportamento de homens gays. Com base nos conceitos de Orlandi (2011), compreende-se como o dito falou pelo não-dito e vice-versa. Veículos de comunicação em um estado democrático têm deveres com a população e, por isso, devem contemplar o bem-estar das minoridades sociais. A partir do que foi analisado neste trabalho, é possível produzir pensamento crítico complementar à ética profissional, em busca de atender às necessidades da população além da lógica mercadológica da imprensa.

Ao entender que o silêncio significa tanto quanto o que é dito, o jornalista não pode se isentar de construir uma narrativa que mostre os diversos lados de uma realidade. Segundo a Unaid¹², a discriminação e o estigma estão entre os principais obstáculos para a prevenção, o tratamento e o cuidado em relação ao HIV - e a mídia tem responsabilidade nisso, como afirma Darde (2006, p. 19):

Justamente a estigmatização de pessoas e grupos infectados, estimulada pela construção de sentido da doença nos meios de comunicação, desempenhou papel fundamental para a disseminação do HIV/Aids na sociedade.

Um dia após a publicação da reportagem e diante das críticas feitas por leitores, por um médico entrevistado e pelo Ministério da Saúde, a *Época* se pronunciou por meio do próprio site¹³. A redação afirma que não relacionou a PreP ao aumento de ISTs e que não tratou homens homossexuais e bissexuais como promíscuos. A primeira afirmação é uma inverdade, já que a linha-fina da reportagem diz que a PreP está fazendo os gays abandonarem a camisinha, “contribuindo para o aumento de doenças sexualmente transmissíveis” (THOMAZ, 2018, p. 1).

Na segunda afirmação de defesa da revista, encontra-se a importância dos resultados deste trabalho. A revista realmente não afirmou que gays são promíscuos, mas, como visto na análise, o silêncio é capaz de significar quando articulado com aquilo que é explícito. A revista recebeu dezenas de críticas dos leitores da reportagem, o que a fez se pronunciar logo no dia seguinte à publicação. Isto significa que foram impactados por efeitos de sentido preconceituosos e estigmatizantes, interpretaram o que não precisou ser dito e reagiram, bem como esta análise.

REFERÊNCIAS

A POLÊMICA da pílula azul. *Época*, 13 abr. 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2018/04/polemica-da-pilula-azul.html>. Acesso em 23 jun. 2019

BERNARDO, André. Doenças sexualmente transmissíveis não param de crescer. *Saúde*, 3 abr. 2018. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/bem-estar/numero-de-infecoes-sexualmente-transmissiveis-nao-para-de-crescer/>. Acesso em 25 jun. 2018.

¹² Disponível em: <https://unaid.org.br/estigma-e-discriminacao>. Acesso em: 25 jun. 2019.

¹³ Disponível em: <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2018/04/polemica-da-pilula-azul.html>. Acesso em: 23 jun. 2019.

BOLETIM epidemiológico HIV/Aids 2018. Brasília: Ministério da Saúde, 27 nov. 2018. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2018>>. Acesso em 22 jun. 2019.

BOLETIM vacinas e novas tecnologias de prevenção. São Paulo: Grupo de Incentivo à vida, fev. 2019. Mensal. Disponível em: <<http://giv.org.br/boletimvacinas/pdf/boletim-vacinas-e-tecnologias-anti-hiv-32-giv.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2019.

DARDE, Vicente William da Silva. **As vozes da Aids na imprensa**: um estudo das fontes de informação dos jornais Folha de São Paulo e o Globo. 2006. 186 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio de Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6399>>. Acesso em 26 jun. 2019.

ESTIGMA e discriminação. **UnAids**, (s.d.). Disponível em: <<https://unaids.org.br/estigma-e-discriminacao/>>. Acesso em 25 jun. 2019.

FERNANDES, Larissa. Mudança no comportamento sexual de jovens causa aumento de infecções sexualmente transmissíveis. **Agência universitária de notícias – Universidade Estadual de São Paulo**, São Paulo, 7 fev. 2018. Disponível em: <<https://paineira.usp.br/aun/index.php/2018/02/07/mudanca-no-comportamento-sexual-de-jovens-causa-aumento-de-infeccoes-sexualmente-transmissiveis/>>. Acesso em 25 jun. 2019.

FRANCE PRESSE. 'Revolução do Viagra' completa 20 anos com mais de 65 milhões de prescrições. **G1**, mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/revolucao-do-viagra-completa-20-anos-com-mais-de-65-milhoes-de-prescricoes.ghtml>>. Acesso em 23 jun. 2019.

GENTIS PANEL. **Pesquisa preservativos**. São Paulo, 2012, 27 p. Disponível em: <<http://www.gentispanel.com.br/Content/pesquisas-de-mercado/abertas/GENTIS-PANEL-Uso-de-preservativos-e-comportamento-de-risco.pdf>>. Acesso em 22 jun. 2019.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, Leandro de. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, salud y sociedad - revista latinoamericana**. Rio de Janeiro, v. 2, p. 121-161. 2009. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/32/445>>. Acesso em 26 jun. 2019.

OLDEMBURG et al. Behavioral changes following uptake of HIV Pre-exposure Prophylaxis among men who have sex with men in a clinical setting. **Aids and behavior**. Nova York, v. 22, p. 1075-1079. Abr. 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5538946>>. Acesso em 25 jun. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp. 2011.

PROTOCOLO clínico e diretrizes terapêuticas para Profilaxia Pré-exposição (PrEP) de risco à infecção pelo HIV. Brasília: Ministério da Saúde, 30 mai. 2017. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-profilaxia-pre-exposicao-prep-de-risco>>. Acesso em 22 jun. 2019.

THOMAZ, Danilo. O novo azulzinho. **Época**, Rio de Janeiro, ed. 1.031, p. 34-42, abr. 2018.